



© Christophe Reynaud de Lage / Festival d'Avignon

Terminal (O Estado do Mundo)

de Inês Barahona e Miguel Fragata



ver [trailer](#) (Festival d'Avignon)

ver [registo integral](#) (password: terminal_2024)

ver [behind the scenes](#)

ver reportagem [A crise climática chega ao teatro](#) (jornal Público)

Sinopse

“Terminal” aponta para uma ideia de fim, mas aponta também para uma ideia de interface, de ligação para outra dimensão, outra linguagem. Se queremos concentrar-nos, por um lado, na ideia da morte de uma certa visão da humanidade, que se encontra na devastação da natureza por toda a parte – essa festa despidorada do ser humano enquanto tudo arde –, queremos também atravessar o “terminal” para o futuro, procurando vislumbrar uma nova cosmogonia a emergir por força da ameaça da extinção humana.

Quatro actores e dois músicos habitam este terminal e contam-nos a sua história, antes que chegue o desfecho. Todos procuram saídas. Enquanto as inventam, adia-se o fim do mundo.

Que faremos quando tudo arde?

•

Terminal (O Estado do Mundo) é o segundo espectáculo de um díptico em torno da crise climática iniciado em 2021 com *O Estado do Mundo (Quando Acordas)* e foi precedido por um extenso processo de pesquisa no território ao longo do ano de 2023 (mais informação na pág. 8).

Ficha técnica

Encenação Miguel Fragata

Texto Inês Barahona

Com Anabela Almeida, Carla Galvão, Miguel Fragata, Vasco Barroso e (música ao vivo) Hélder Gonçalves e Manuela Azevedo

Música Hélder Gonçalves

Cenografia Eric da Costa

Desenho de luz Rui Monteiro

Figurinos José António Tenente

Música Hélder Gonçalves

Assistência de encenação Beatriz Brito

Apoio ao movimento Victor Hugo Pontes

Construção da cenografia e adereços

Eric da Costa, José Pedro Sousa, Paula Hespanha e João Salgado

Desenho de som Nelson Carvalho

Operação de som Tiago Correia

Direcção técnica Luís Ribeiro e Nuno Figueira

Produção executiva Luna Rebelo e Sofia Bernardo

Produção Formiga Atómica

Co-produção Cine-Teatro São Pedro de Alcanena, Lavar o Mar, RTP – Rádio e Televisão de Portugal, Teatro Municipal de Ourém, Teatro Nacional Dona Maria II, Teatro Nacional São João, Teatro Virgínia, Teatro Viriato, Trigo Limpo teatro ACERT, Théâtre du Point du Jour, Festival d’Avignon

Co-produção fase de pesquisa

Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas, Centro Cultural do Cartaxo, Comédias do Minho, Companhia Mascarenhas-Martins, Município de Mértola, Município de Setúbal

A Formiga Atómica é uma entidade apoiada por



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES

DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

Apoios CEA – Centro de

Experimentação Artística, SDivine Fátima Hotel – Congress & Spirituality, Polo Cultural Gaivotas | Boavista, Teatro Meridional

Agradecimentos António Leitão, Bruno Melo/Gate7, David Palma, Diogo Pires/SAFRA, Josué Maia, Marina Almeida, SDivine Fátima Hotel – Congress & Spirituality, Tiago Coelho/RSC Xpress

Público-alvo todo o público M/14

Duração 90 minutos

Idioma Falado em Português, com possibilidade de legendagem em Inglês e/ou Francês

Estreia

em Portugal OURÉM · Teatro Municipal de Ourém · 6 de Abril 2024

em França AVIGNON · Festival d'Avignon · 15 de Julho 2024

•

Digressão 2024/25

TORRES NOVAS · Teatro Virgínia · 4 de Maio 2024

ALCANENA · Cineteatro São Pedro · 23 de Maio 2024

TORRES VEDRAS · Teatro-Cine de Torres Vedras · 31 de Maio 2024

WISEU · Teatro Viriato · 7 de Junho 2024

IDANHA-A-NOVA · Centro Cultural Raiano · 22 de Junho 2024 (no âmbito da Odisseia Nacional)

ALJEZUR · Lavar o Mar (Teatro de Palha) · 28 e 29 de Junho 2024

ALMADA · Festival de Almada · 4 de Julho 2024

AVIGNON · Festival d'Avignon · 15 a 21 de Julho 2024

ÍLHAVO · 23 Milhas / Fábrica das Ideias · 5 de Outubro 2024 (no âmbito da Odisseia Nacional)

PORTO · Teatro Nacional São João · 24 a 27 de Outubro 2024

TONDELA · ACERT Tondela · 15 de Novembro 2024

LYON · Théâtre du Point du Jour · 20 a 23 de Novembro 2024

COVILHÃ · Teatro Municipal da Covilhã · 15 de Fevereiro 2025

BRAGANÇA · Teatro Municipal de Bragança · 1 de Março 2025 (no âmbito da Odisseia Nacional)

MONTIJO · Cinema-Teatro Joaquim d'Almeida · 8 de Março 2025

LAGOS · Centro Cultural de Lagos · 14 de Março 2025

ESTARREJA · Cineteatro de Estarreja · 22 de Março 2025

SETÚBAL · Fórum Municipal Luísa Todi · 12 de Julho 2025

•

Acessibilidade

Valorizamos o acesso inclusivo do público aos nossos espectáculos. Neste sentido, foram concebidas para este espectáculo sessões com interpretação integrada em Língua Gestual Portuguesa (LGP) e com audiodescrição (AD), com o objectivo de criar condições de acesso, respectivamente, para o público Surdo e com deficiência visual. O espectáculo poderá ser apresentado com estes recursos de acessibilidade em qualquer teatro do país.



O Estado do Mundo é o mais recente projecto da Formiga Atómica, que engloba dois espectáculos em torno da crise climática.

O primeiro espectáculo, ***O Estado do Mundo (Quando Acordas)*** (2021), é o resultado de uma co-produção entre a Formiga Atómica e o LU.CA – Teatro Luís de Camões, a Materiais Diversos, as Comédias do Minho e o Théâtre de la Ville – Paris e dirige-se a um público jovem.

Em cena, são fabricadas enormes catástrofes naturais à escala de miniaturas, como paralelismo entre as pequenas acções quotidianas e as suas consequências sobre o ambiente. Propomos reflectir sobre o papel da responsabilidade individual e política, sobre as escolhas pessoais e sobre o seu impacto na crise climática.

O segundo espectáculo deste díptico é dirigido ao público adulto e aborda a crise climática de forma mais profunda e filosófica. Em ***Terminal (O Estado do Mundo)***, a cena é um lugar metafórico e simbólico, onde se contam histórias no sentido de inventar possibilidades de futuro para adiar o fim do mundo.



© Estelle Valente

Entrevista a Inês Barahona e Miguel Fragata por Agnès Santi, para o Jornal La Terrasse, em maio de 2024

A primeira parte do vosso díptico em torno da crise climática, dedicado a público jovem, tinha por título “O Estado do Mundo (Quando Acordas)”. Três anos mais tarde, de que forma é que esta segunda parte prolonga o vosso projeto inicial? E porquê este título “Terminal”?

Se o primeiro espetáculo se aproximava mais de uma dimensão de ação individual, a partir de um ponto de vista ocidental e muito concreto, a segunda parte deste díptico está mais fundada na ideia de apelo à imaginação coletiva do futuro, retomando a força das utopias.

Esta segunda parte foi olhada, desde o início, como um outro projeto, no sentido em que queríamos aprofundar, mais do que

prolongar, a nossa pesquisa em torno da crise ambiental e climática.

Nessa altura, estávamos – como ainda estamos, hoje – muito inquietos com um conjunto de dimensões às quais parece não ser muito fácil chegar. Esta ideia de que há coisas *intocáveis*, *imutáveis*, não casa muito bem com a realidade. Vemos como o nosso sistema económico põe as suas mãos nos sistemas políticos, nas nossas democracias, nas nossas vidas, nas vidas daqueles que vivem muito longe de nós, mesmo daqueles que não partilham necessariamente a nossa forma de viver, como os povos indígenas. Se queremos mudar, tudo tem de estar em causa.

E era esta dimensão mais profunda – talvez existencial – que nos atraía.

Decidimos então lançar-nos ao caminho e percorrer os territórios dos nossos parceiros, um pouco por todo o lado no país, mas também Lyon e Avignon, para ouvir as pessoas, as suas memórias, as suas esperanças, dificuldades, as suas leituras da realidade, as suas utopias mais ou menos secretas, mais ou menos partilhadas. Pedimos que nos dissessem como olham para o mundo que está a colapsar, como encaram o desabamento de uma certa ideia de civilização, o que pensam acerca da humanidade, o que estão a pôr em marcha para o futuro.

Todos estes elementos alimentaram a criação de *Terminal (O Estado do Mundo)*.

O termo *terminal* foi escolhido como título por causa do seu sentido duplo. Por um lado, *terminal* indica um fim. E é inegável que há uma data de elementos que estão a chegar ao fim, agora mesmo, enquanto escrevemos estas linhas. Há organismos que estão a ser declarados extintos agora mesmo, por toda a parte no planeta. Mas, ao mesmo tempo, os seres humanos inventaram uma ideia de *terminal* como lugar de passagem, de onde

podemos começar um novo caminho, apanhar um novo transporte, assumir um novo destino final. Em *Terminal (O Estado do Mundo)* podemos encontrar o fim e também, de um certo modo, um “germinal”, o lugar onde germinam as sementes do futuro.

Como dar conta em cena dos múltiplos aspetos complementares de um tema tão vasto? Que escolhas tiveram de fazer? Que prioridades assumiram?

A dificuldade de abordar um tema tão vasto foi um enorme desafio. E não foi só porque o tema era vasto, foi também o facto de que ele parece desencadear muito rapidamente reações alérgicas muito fortes... e paixões assolapadas também.

Depois de reunir elementos de várias fontes: científicas, políticas, económicas, sociológicas, demográficas, literárias, depois da nossa tournée de um ano que passou por 27 locais, depois de centenas de entrevistas, uma dezena de documentários – precisávamos de tomar uma decisão sobre a criação. Tínhamos duas possibilidades: ou ficávamos numa zona de proximidade com a pesquisa, navegando à vista, o que nos colocaria numa relação de grande



proximidade com a realidade, ou então deixávamo-nos contaminar pelas impressões desta tournée, investindo mais sobre uma lógica de construção de um imaginário por vir, simbólico, não tanto metafórico. Acabámos por escolher a segunda opção.

A vossa companhia Formiga Atómica alimenta frequentemente os seus projetos artísticos de pesquisa em ligação com o público e o território. Que pesquisas fizeram para esta criação? O que é que elas vos trouxeram?

De cada vez que criamos um novo espetáculo, partimos para o terreno com uma enorme curiosidade sobre tudo aquilo que as pessoas que encontramos podem contar-nos a propósito do tema. Construimos normalmente um programa de participação que, no final, transmite ao objeto artístico alguma coisa desta atmosfera e destas trocas. Desta vez, criámos um programa de uma semana — o tempo aproximado de permanência em cada local —, que tocava aspetos diferentes, com a cumplicidade de outros artistas e investigadores.

Criámos dois documentários: “Regresso ao Futuro” [ver pág. 10] e “Improváveis de Costas Voltadas” [ver pág. 11]. No primeiro, fizemos entrevistas a pessoas que tinham memórias de lugares que tinham desaparecido e que só existiam na sua evocação da memória. O segundo corresponde a uma coleção de entrevistas que fizemos a pessoas que provavelmente não se encontrariam nas suas vidas quotidianas. Num encontro às cegas, essas pessoas respondiam a um guião de perguntas que se repetia de cada vez. O filme que resulta dessas entrevistas testa a nossa hipótese: será que, em presença, duas pessoas tentam aproximar-se, mesmo se pertencerem a campos ideológicos opostos?

Também apresentámos “Teatro Fora de Formato” [ver pág. 9], formas teatrais que aconteciam sem aviso prévio, em lugares públicos. Aí, contava-se uma história de família e de uma caixa misteriosa desaparecida. Esta história era contada por 4

atores e era composta por 4 monólogos e um diálogo com diferentes visões sobre a crise familiar (e a crise climática). Estas formas teatrais testavam a disponibilidade do público para aceitar um momento teatral inesperado, para ouvir falar da crise climática e ver-se confrontado com a irrupção de fenómenos surpreendentes no seu quotidiano.

Desafiámos ainda as rádios locais para receber uma programação inteiramente dedicada à questão da crise ambiental [ver pág. 10], com convidados locais e os seus projetos de sustentabilidade, mas também entrevistas com cientistas, filósofos, uma rubrica de humor, playlists verdes... Foi a forma que encontrámos de chegar a um público mais vasto e por vezes afastado dos grandes centros.

Finalmente, trabalhámos também com um sociólogo que nos ajudou a construir um questionário [ver pág. 11] que procura aferir da disponibilidade dos públicos da cultura para a mudança de gestos quotidianos, em diferentes dimensões: mobilidade, consumo, alimentação, etc. O resultado será um estudo sociológico que nos permitirá ver onde é que residem bolsas de resistência, ou onde é que poderemos ganhar tração face à crise.

Todas estas atividades evidenciaram sensibilidades diferentes, preocupações, visões acerca do presente e do futuro, desejos de memória... De todas elas fomos beber para a criação do espetáculo. Desta vez, a ligação não foi direta, olhamos para ela mais como uma enorme coleção de imagens, pensamentos e personagens.

Que linguagens artísticas são solicitadas pela vossa criação? Trata-se de uma ficção documentada, na qual real e ficção se misturam?

Em cada nova criação, pensamos sempre nos artistas com quem gostaríamos de trabalhar. No caso do *Terminal*, tínhamos a intuição de que a linguagem da música poderia ser forte. Por um lado, a música aproxima-nos, através da sua universalidade, por outro lado, a



© Estelle Valente

música tem uma liberdade enorme, o que era essencial para criar visões de futuro que não estivessem tomadas pelo nosso vocabulário esgotado. Convidámos o Helder Gonçalves para compor a música e a Manuela Azevedo para “mestre de cerimónias” - além de cantar, claro. Depois, trabalhámos de perto com o cenógrafo, Eric da Costa, com o desenhador de luz, Rui Monteiro, e com o figurinista, José António Tenente, para que este universo que procurávamos pudesse ir aparecendo, até mesmo antes do próprio texto. O trabalho com os intérpretes permitiu habitar o espaço com uma vida que é mais simbólica do que documental. Mais do que ficcional, cada personagem representa um tipo de sensibilidade face à questão da crise. E a verdade é que conseguimos ouvir-nos a nós próprios nas suas vozes, mesmo que elas não sejam exatamente reais.

Em que ponto estamos hoje nesse “acordar”? Como olham para o futuro? Como é que ele aparece na vossa criação?

Pensamos muitas vezes numa imagem do quotidiano. O despertador toca já há algum tempo, mas adiamo-lo por 10 minutos, de cada vez. Assim, dormimos mais um bocadinho. E é assim, um bocadinho de cada vez, que adiamos o confronto com o dia, ou então, com a catástrofe – uma catástrofe que

foi anunciada ainda antes que o nosso despertador tivesse começado a tocar.

Na primeira parte deste díptico, o título era *O Estado do Mundo (Quando Acordas)*. Nesse espetáculo, estávamos obrigados à esperança. Ressoava em nós qualquer coisa de parecido com o que ouvimos de um ativista que entrevistámos: “sei que a nossa luta será provavelmente um fracasso, mas se não acreditasse nela, se não me alimentasse de esperança, não faria nada”. O futuro, nesse espetáculo, está intrinsecamente ligado a uma ideia de ação coletiva. Passamos por histórias de vida singulares no mundo, para descobrir uma sociedade secreta de crianças que têm planos para mudar o mundo.

No espetáculo *Terminal*, jogamos com a ambivalência do título. Se, por um lado, pensamos no fim, por outro, pensamos na mudança de rota, numa forma de continuar. Nesse espetáculo, o pensamento sobre o futuro está ligado a uma ideia de imaginação, a tentativas, a experiências, a idas e vindas no território do possível, sempre a partir de um mesmo presente – o nosso. Estamos verdadeiramente numa encruzilhada e não sabemos o que virá. O que podemos fazer? Seguramente, imaginar. E, se possível, em conjunto.

•



© Sofia Bernardo

O caminho para *Terminal (O Estado do Mundo)*

Ver [behind the scenes](#)

Ver entrevista [O Estado do Mundo de Miguel Fragata e Inês Barahona](#) (Coffeepaste)

O caminho para “Terminal (O Estado do Mundo)” consistiu numa extensa pesquisa no território ao longo do ano de 2023, sob a perspectiva de como a crise climática afecta a nossa compreensão do mundo.

Entre Fevereiro e Dezembro de 2023, passámos por 27 localidades, percorrendo Portugal de Norte a Sul, o arquipélago dos Açores e, ainda, duas cidades francesas (Lyon e Avignon).

Este processo alimentou a criação de *Terminal (O Estado do Mundo)* e, simultaneamente, criou um lastro para as apresentações do espectáculo nos territórios dos seus co-produtores.

Ficha técnica

Concepção e direcção do projecto Inês Barahona e Miguel Fragata

Assistente de produção e mediação Beatriz Brito

Produção executiva Luna Rebelo e Sofia Bernardo

Produção Formiga Atómica

Co-produção Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas, Centro Cultural do Cartaxo, Cine-Teatro São Pedro de Alcanena, Comédias do Minho, Companhia Mascarenhas-Martins, Lavrar o Mar, Município de Mértola, Município de Setúbal, Teatro Municipal de Ourém, Teatro Nacional Dona Maria II em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian, Teatro Nacional São João, Teatro Virgínia, Teatro Viriato, Trigo Limpo teatro ACERT, Théâtre du Point du Jour

Parceiros CAEP - Centro de Artes do Espectáculo de Portalegre / C.M. Portalegre, Centro Cultural Raiano / C.M. Idanha-a-Nova, Centro Cultural Solar dos Condes de Vinhais / C.M. Vinhais, Quartel das Artes / C.M. Oliveira do Bairro, Câmara Municipal de Mirandela, Câmara Municipal de Portel

Apoios Edições Tinta-da-china, Fundação Francisco Manuel dos Santos, Orfeu Negro, Pato Lógico, Penguin Random House, Planeta Tangerina, Rede para o Decrescimento

Teatro Fora de Formato

Teatro

Conjunto de quatro curtos monólogos que compõem uma paisagem familiar: os quatro irmãos Von Hasse encontram-se em busca da sua irmã mais nova, que desapareceu levando consigo um tesouro deixado pelos pais em herança – uma caixa. Essa caixa contém em si todos os recursos disponíveis para aceder a qualquer desejo. No entanto, assim que os concede, provoca catástrofes climáticas em zonas remotas do planeta. O seu uso é, portanto, sinónimo de desejo e de risco. Cada um dos irmãos traz consigo uma visão do que deve ser feito com a caixa, do que ela representa e da legitimidade – ou não – do seu uso.

Estes espectáculos de pequeno porte apresentam-se em espaços públicos e não convencionais, como cabeleireiros, cafés, repartições, transportes públicos, etc. *Teatro Fora do Formato*, tal como os fenómenos climáticos extremos, irrompe pelo quotidiano sem aviso e, entre a ficção e a realidade, propõe uma reflexão sobre o tema da crise que vivemos.

Encenação Miguel Fragata

Texto Inês Barahona

Interpretação Cuca M. Pires, Rita Delgado, Simon Frankel e Vasco Barroso

Assistente de encenação Beatriz Brito



© JUNO

Biblioteca Verde Itinerante

Literatura, ciência, debates

Nesta biblioteca em crescimento, todos os títulos se relacionam com a sustentabilidade e a crise climática: com as suas injustiças, enquadramento político, económico, social, geo-político, científico, etc.

Em jeito de clube de leitura, proporcionamos um momento de encontro e de discussão entre os/as leitores/as e um/a convidado/a. Todos os livros estão disponíveis durante a estadia da Formiga Atómica em cada cidade.

Convidados/as Ana Pêgo, Eduarda Lima, Felix Castillo, Inês Teixeira do Rosário e Maria Ana Peixe Dias, Joana Bértholo, Jorge Paiva, Margarida Andrade, Noah Zino, Rede para o Decrescimento, Sandro William Junqueira e Viriato Soromenho-Marques

Regresso ao Futuro

Série de curtos documentários

Ver [trailer](#)

Ver [todos os episódios](#)

Coleção de 16 curtos documentários que retratam as marcas da passagem do tempo e o seu impacto na construção dos lugares.

Dois elementos da comunidade de cada local são convocados para testemunhar sobre dois lugares que, entretanto, desapareceram e transformaram a paisagem. Lugares que existem apenas na memória e que são momentaneamente reerguidos, a partir da sua evocação por quem deles guarda recordações, vivências, afetos e desafetos.

O documentário resultante de cada local foi montado e exibido durante a semana de permanência da Formiga Atómica em cada local.

Realização JUNO

Música Hélder Gonçalves

Mistura de som Nelson Carvalho



© JUNO

Ocupa a Rádio

Rádio, jornalismo, cultura

Ver [teaser](#)

Ocupação de rádios locais com uma programação marcada pela temática da sustentabilidade, com a curadoria da impactfluencer Joana Guerra Tadeu (Ambientalista Imperfeita). Noticiários focados nas questões climáticas, playlists de ecologistas e ativistas, conselhos práticos sobre como adoptar hábitos mais sustentáveis, hora aberta para consultório climático, cientista com previsões para o século seguinte, momento de humor ecológico...

Paralelamente, *A Ambientalista vai à Escola* em alguns locais do país, com palestras sobre a temática da sustentabilidade dirigidas aos mais jovens.

Pivot e curadoria Joana Guerra Tadeu

Com a participação de Jovem Conservador de Direita, Raquel Vareda, Prof. Filipe Duarte Santos, Frei Fernando Ventura, GEOTA, WWF, Fernando Mota, Ana Baleia, entre muitos outros

Improváveis de Costas Voltadas

Documentário

Ver [trailer](#)

O que acontece quando duas pessoas que nunca se viram e que têm interesses, idades, ocupações, posições políticas e ideológicas muito distintas se sentam à conversa pela primeira vez? Será que a polarização das nossas vidas e o afastamento que vimos sofrendo em relação a vivências verdadeiramente comunitárias e de diversidade tem espelho naquilo que se diz? Será que os discursos anónimos de ódio e extremismo que encontramos por todo o lado, sobretudo nas redes sociais, têm também aqui lugar?

Dois improváveis conversadores, num encontro às cegas, conversam a partir de uma linhagem de questões: sobre a humanidade, a vida, as sociedades, o planeta, política ou o clima. Durante a conversa, estão de costas voltadas – só se podem escutar. Apenas no final será revelada a identidade de quem se encontra “do outro lado”.

Improváveis de Costas Voltadas resulta de um conjunto de entrevistas a mais de 100 pessoas, realizadas em doze cidades portuguesas e duas cidades francesas, onde o lugar de encontro é, simbolicamente, o teatro, como lugar de discussão e pensamento.

Realização JUNO

Música Hélder Gonçalves

Mistura de som Vítor Hugo Barros



© Sofia Bernardo



© JUNO

Quem Quer Mudar?

Política, sociologia, ecologia

Preencher [questionário](#)

Estudo sociológico centrado na disponibilidade para mudar hábitos quotidianos em prol do planeta. Quem estaria disponível para trocar uma viagem de carro por uma viagem a pé, por semana? Quem estaria disposto a comprometer-se a reduzir viagens de avião a uma experiência de 2 em 2 anos? Quem tem, realmente, um desejo de mudança?

Sociólogo Rui Telmo Gomes

Calendário

Théâtre du Point du Jour - 10 a 20 de Outubro 2022

ACERT - 20 a 25 de Fevereiro 2023

Comédias do Minho - 6 a 10 de Março 2023

Município de Mirandela (no âmbito da Odisseia Nacional TNDM II) - 20 a 25 de Março 2023

Município de Vinhais (no âmbito da Odisseia Nacional TNDM II) - 27 de Março a 1 de Abril 2023

Município de Idanha-a-Nova (no âmbito da Odisseia Nacional TNDM II) - 24 a 29 de Abril 2023

Companhia Mascarenhas-Martins - 1 a 7 de Maio 2023

Teatro Municipal de Ourém - 10 a 17 de Maio 2023

Teatro Viriato - 18 a 20 de Maio 2023

Centro Cultural do Cartaxo - 22 a 27 de Maio 2023

Cineteatro São Pedro de Alcanena - 5 a 7 de Junho 2023

Município de Oliveira do Bairro (no âmbito da Odisseia Nacional TNDM II) - 19 a 24 de Junho 2023

Município de Setúbal - 13 a 15 de Julho 2023

Teatro Virgínia - 14 a 16 de Setembro 2023

Município de Mértola - 18 a 23 de Setembro 2023

Lavar o Mar - 19 a 28 de Outubro 2023

Município de Portalegre (no âmbito da Odisseia Nacional TNDM II) - 30 de Outubro a 4 de Novembro 2023

Município de Portel (no âmbito da Odisseia Nacional TNDM II) - 6 a 12 de Novembro 2023

Festival d'Avignon - 17 a 21 de Novembro 2023

Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas - 4 a 10 de Dezembro 2023





© Agathe Poupeney

Sobre nós

A Formiga Atómica é uma companhia de teatro, fundada e dirigida por Miguel Fragata e Inês Barahona. As suas criações inscrevem-se em questões contemporâneas e destinam-se a todo o público. Os espetáculos da Formiga Atómica são habitualmente antecidos por períodos de pesquisa motivados pela questão e/ou públicos que abordam.

Entre as suas criações destacam-se *A Caminhada dos Elefantes* (2013, +170 apresentações), *The Wall* (2015), *A Visita Escocesa* (2016), *Do Bosque para o Mundo* (2016, +80 apresentações), *Montanha-Russa* (2018, +45 apresentações), *Fake* (2020), *O Estado do Mundo (Quando Acordas)* (2021, +130 apresentações), *Má Educação – Peça em 3 Rounds* (2022) e *Terminal (O Estado do Mundo)* (2024).

A companhia circula regularmente por território nacional e internacional, tendo concebido a versão francesa de três dos seus espetáculos – *La Marche des Éléphants* (2016), *Au-Delà de la Forêt, Le Monde* (2017, espetáculo de abertura do Festival de Avignon 2018) e *L'État du Monde (Un dur réveil)* (2022, co-produção Théâtre de La Ville – Paris) – e a versão castelhana de dois deles – *La caminata de los elefantes* e *Así está el mundo (cuando despiertas)*.

O espetáculo *A Caminhada dos Elefantes* circula também, desde 2020, na sua versão alemã (*Die Wanderung der Elefanten*).

Contactos

Miguel Fragata Direcção Artística

miguelfragata@
formiga-atomica.com

Inês Barahona Direcção Artística

inesbarahona@
formiga-atomica.com

Produção e difusão

+351 910 074 029
info@
formiga-atomica.com

Formiga Atómica – Associação Cultural

Rua Capitão-Mor Pedro
Teixeira, nº1, 5ºesq
1400-041 Lisboa

www.formiga-atomica.com
Facebook [formiga.atomica.ac](https://www.facebook.com/formiga.atomica.ac)
Instagram [formiga.atomica.ac](https://www.instagram.com/formiga.atomica.ac)
Youtube [formigaatomica_teatro](https://www.youtube.com/formigaatomica_teatro)

